

TRABALHOS EM GRUPO NA SALA DE AULA: SÍNDROME DE DOWN, EU ESCOLHO OU A PROFESSORA ESCOLHE?

ROBERLÂNIA PAULINO DE MOURA¹;
GILSENIRA DE ALCINO RANGEL²

¹*Universidade Federal e Pelotas – moura.roberlania@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Desde a Declaração de Salamanca, em 1994, a educação no Brasil teve muitos e importantes avanços em relação à garantia de direitos e acesso ao ensino regular por pessoas com necessidades educacionais especiais, assim como na Constituição Federal de 1988 que já garantia o direito à educação do sujeito com deficiência. Antes e depois da Declaração outras leis, decretos e documentos alicerçaram a educação inclusiva e contribuíram para a atual situação no país. Com o passar dos anos, as políticas públicas nacionais também participaram deste avanço e contribuíram para a formação continuada de professores que já atuavam, mas não tinham formação específica para trabalhar com a educação inclusiva. Porém, a falta do cumprimento destas leis, no ambiente escolar, pode conduzir os responsáveis pela instituição a responderem perante a justiça, mas o que de fato é cumprir a lei quando nos referimos ao processo de inclusão? Garantir o acesso por si só não basta e o sujeito deve ser atendido em todos os aspectos que envolvem a aprendizagem. Como isso acontece na sala de aula?

Por estes e outros motivos, este trabalho teve por objetivo dar voz a quem conhece a inclusão e todos os fatores que a envolvem. Procurou-se então investigar as experiências escolares de jovens com Síndrome de Down, sua perspectiva, seu olhar sobre as próprias experiências, identificando seu reconhecimento ou invisibilidade dentro e fora da sala de aula, no relacionamento com os colegas. Invisibilidade esta onde o jovem é percebido em sua presença física, mas não compreendido em seu contexto subjetivo e social. Para este trabalho foi feito um recorte sobre a formação dos trabalhos em grupos e quem escolhe os participantes deles.

A escassez de pesquisas que tratem da pessoa com Síndrome de Down, a partir da sua perspectiva, bem como sobre a relação estabelecida entre os colegas em sala de aula foi um dos fatores que dificultaram e, ao mesmo tempo, motivaram a pesquisadora a dar voz aos que precisam ser ouvidos. Neste trabalho ressalta-se que mesmo com iniciativas positivas de alguns professores e professoras há necessidade de um trabalho mais específico e ampliado para toda a comunidade escolar, ou seja, o trabalho com a inclusão exige participação e reflexão ativa de todos os que fazem parte da escola que deseja ser, de fato, inclusiva.

2. METODOLOGIA

Com abordagem qualitativa, esta pesquisa teve como público alvo cinco jovens com Síndrome de Down que estudam no município de Pelotas, dois deles nos Anos Finais do Ensino Fundamental, dois no Ensino Médio e um no último

semestre da Graduação. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevista semiestruturada, registradas com gravador e transcritas posteriormente para análise qualitativa. Após uma leitura superficial das entrevistas transcritas, pequenos agrupamentos foram feitos a partir de semelhanças em algumas respostas e a partir disto, iniciou-se o processo de categorização das mesmas. Esta categorização é baseada no *estabelecimento de relações* de Moraes (2003). Este é um processo de comparação entre as respostas que se assemelham em algum princípio ou palavras chaves que se ligam em algum momento. Neste caso, a invisibilidade ou reconhecimento foram a ligação entre elas. No momento em que as respostas evidenciavam a conexão entre uma categoria ou outra, estas eram imediatamente separadas para posterior análise mais aprofundada.

A entrevista tinha como proposta um questionário com cerca de 20 perguntas que não foram consideradas prontas ou definitivas devido a sua necessidade de reformulação no decorrer da aplicação do instrumento, caso houvesse necessidade tanto por parte da entrevistadora ou dos entrevistados. Para este trabalho foram selecionadas as perguntas que se referiam à escolha de integrantes de grupos de trabalho em sala de aula, se pela professora ou pelos próprios alunos. Durante algumas entrevistas a intervenção de acompanhantes dos entrevistados, em sua maioria as mães, se fez necessária devido à falta de compreensão da fala ou interpretação da resposta como um todo, por parte da entrevistadora. Em muitos casos, as pessoas com síndrome de Down, ainda na infância, podem apresentar entre outros sintomas a hipotonía facial extraoral e intraoral, segundo Alves (2001 p. 27), além de um empobrecimento no controle dos movimentos da língua, que precisa ser acompanhado em tratamento fonoaudiólogo, pode posteriormente em alguns casos apresentar dificuldade na fala e comunicação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise dos dados coletados, os jovens demonstraram ser invisíveis social e educacionalmente em aspectos e níveis diferentes no decorrer das entrevistas, com exceção do aluno universitário que apresenta resultados sempre muito positivos. Discutiremos apenas as perguntas que envolvem o trabalho em equipe em sala de aula, assim como a escolha dos integrantes destes grupos: A professora escolhe os grupos de trabalho ou são os alunos? Você já conseguiu trabalhar com vários colegas da sala ou somente com um pequeno grupo ou ainda com a mesma pessoa? Aqui identificaremos os entrevistados da seguinte forma: (A) a entrevistada de 14 anos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, (B) a entrevistada de 16 anos e do 1º ano do Ensino Médio, na mesma escola que a (A), o (C) entrevistado de 16 anos e 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública, assim como o (D) com 16 anos e cursando o 2º ano do Ensino Médio. Por fim o (E) com 27 anos e cursando o último semestre da Graduação Licenciatura em teatro. Na primeira entrevista a informante (A) relata que sua professora é quem escolhe os grupos de trabalho, assim como a informante (B), entretanto, a diferença se dá a partir do momento em que a informante (A) sempre faz os trabalhos com os mesmos colegas, ou seja, permanece no mesmo grupo, com exceção de um único trabalho, segundo ela os trabalhos são *Só com a Laura e a Maria*. Enquanto a (B) relata que sempre muda de grupo e que já trabalhou possivelmente com todos os colegas da sala, espontaneamente ela diz (...) *eu faço com todo mundo (...), (...) eu sempre faço com todo mundo (...)*. Assim como a entrevistada (B), o (C) também trabalha com

vários colegas da sala, afirmando que quem escolhe são os próprios alunos. Entretanto, o informante (D) faz os trabalhos de aula apenas com um amigo e quem escolhe é a professora. São formas permanentes de intervenções dos professores em relação a trabalhos em grupos envolvendo ambos e que apresentam estruturas diferenciadas. Aqui observamos que a mediação do professor foi crucial para que se possibilitasse a ação destes sujeitos entre seus pares, uma ação importante para o relacionamento entre os alunos e, desta forma, proporcionar, em maior ou menor grau, a socialização e aprendizagem simultaneamente. Entendemos a interação entre os alunos como um processo social, assim como afirma Silveira (2012, p. 46), que

(...) as mudanças nas práticas pedagógicas, por exemplo a planificação para a turma no seu conjunto, abrangendo todas as crianças, utilização de recursos humanos (alunos) que podem contribuir para a aprendizagem (construção do conhecimento) através de trabalhos de grupo, na medida em que a aprendizagem é também um processo social (...)

Enquanto A, C e D, fazem trabalho somente com os mesmos colegas, e D mais especificamente com um único amigo, somente B e E apresentam um resultado oposto, devendo levar em consideração que D é adulto e vive em um meio acadêmico, onde se espera que as pessoas sejam mais autônomas em relação à escolha de colegas de trabalho e relacionamento social entre os mesmos. Quando questionado se já fez trabalho com todos os colegas da sala, (D) responde que *Claro que as vezes não dá tempo de fazer com um ou com outro, mas isso é normal*. Segundo Smeha e Seminotti (2008, p. 79), a força do discurso do professor é um fator essencial e que exerce grande influência nas interações entre os alunos. Concordando com Leão, Doescher e Da Costa, (2005, p. 05) quando dizem que *ao falar sobre o professor é necessário compreender o seu papel no contexto educacional*. A maioria dos alunos tem a escolha do grupo de trabalho feita pela professora, umas possibilitam uma maior circulação entre os alunos e outras o deixam restritos aos mesmos grupos. Desta forma, observa-se aqui que a ação diferenciada de cada educador colaborou, em maior ou menor grau, para a relação, aprendizagem e interação dos alunos ao direcioná-las para um ou mais grupos de trabalho com os demais colegas de classe.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os aspectos apresentados e levando em consideração o que foi dito anteriormente sobre a importância do trabalho em grupo, pois a aprendizagem também é um processo social, ressalta-se que o mesmo deve ocorrer pensando a partir das aprendizagens e avanços diários de cada aluno. Cada um dos entrevistados apresentou aspectos diferentes em alguns momentos e semelhantes em outros e isto demonstra que seus professores utilizam da mesma ferramenta pedagógica, mas de maneira diferente, o que pode influenciar na aprendizagem que ocorre no momento da socialização. É claro que isto depende de aluno para aluno e de cada interação, mas esta situação também faz parte do processo de inclusão e deve ser trabalhada pelo profissional de forma intencional e refletida sobre em seus resultados e necessidades individuais.

Ainda dentro deste processo cabe ressaltar que a intervenção adequada e atenta dos profissionais da educação pode colaborar ainda mais com a evolução e desenvolvimento social e educacional destes alunos, tornando o processo de

inclusão cada vez mais completo e dinâmico, demonstrando ser totalmente viável apesar de sua complexidade. Entende-se que há necessidade de mais ações práticas de inclusão do que recursos pedagógicos e cursos profissionalizantes, estes são essenciais e já estão disponíveis tanto no âmbito particular, financiado pelos profissionais, quanto no público, financiado por políticas públicas que aumentam gradativamente a cada ano, mas o suporte humano, pedagógico e o trabalho em equipe que a escola possibilita ou não, pode influenciar positiva ou negativamente neste processo. Ressaltamos a importância de se compreender a inclusão como um processo que exige de toda a comunidade escolar, professores, gestores, pais, onde a participação efetiva e consciente não se resume a ações isoladas ou à inclusão de um número no índice estatístico. Esse é um processo que demanda tempo, mudança atitudinal e participação de todos dentro e fora da comunidade escolar. Somos todos responsáveis pela garantia deste direito, assim como pela sua ausência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ALVES, Fátima. Para entender síndrome de Down. Rio de Janeiro. 2 ed. – Wak Ed., 2011.

Artigos

MORAES, Roque. Uma tempestade de Luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

SMEHA, Luciane Najar; SEMIOTTI, Nedio. Inclusão e Síndrome de Down: Um estudo das relações interpessoais entre colegas de escola. Psicol. Argum, 2008 jan./mar., 26 (52), 73-83.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; DOESCHER, Andréa Marques Leão; Maria da Piedade Resende da Costa. A (desin) formação dos professores para o processo inclusivo. VIII Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores - 2005 unesp - Universidade Estadual Paulista - Pró-reitoria de Graduação.

Documentos eletrônicos

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades Educativas Especiais – NEE In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

Tese/Dissertação/Monografia

SILVEIRA, Alda Carina Ferreira da. Síndrome de Down Educação Diferenciada. Escola Superior de Educação Almeida Garrett - Departamento de Ciências da Educação Lisboa 2012. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3243/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carina.pdf?sequence=1>